

Mercado e caridade: as representações sociais na encruzilhada de um terreiro de umbanda

Bárbara Costa Flôr (UFSC) - barbaracflor@gmail.com

Juliana Carraro (UFSC) - julianacarraroy@gmail.com

Resumo:

A umbanda, uma religião em verso e prosa, possui rituais que resistem para manter a tradição, as músicas e os valores. Suas características são expressadas historicamente e simbolizam parte da cultura brasileira, sendo esta suscetível a transmutação de suas características pelo mercado. Este trabalho tem como objetivo identificar e interpretar a compreensão sobre caridade dos sujeitos pertencentes a um terreiro de umbanda de um bairro de periferia de Florianópolis (SC). Os alicerces teóricos utilizados consistem na teoria das representações sociais de Serge Moscovici, na teoria da delimitação dos sistemas sociais de Alberto Guerreiro Ramos e na teoria da dádiva de Marcel Mauss. Trata-se de um estudo qualitativo, de cunho descritivo-interpretativo que utilizará como instrumentos de coleta de dados a observação não participante e entrevistas semiestruturadas. A relevância do mesmo consiste em ouvir e descrever a realidade social a partir da perspectiva dos sujeitos outrora marginalizados.

Palavras-chave: *Dádiva; Terreiro de umbanda; Representações sociais; Guerreiro Ramos.*

Área temática: *GT-17 Organização, Política e Cultura*

Contextualização

A religião e a religiosidade possuem um papel fundamental na vida dos indivíduos, uma vez que produzem significado às suas vidas e proporcionam coerência para a compreensão do mundo em que vivem. Elas são um sistema, um pensamento articulado, a explicação histórica necessária para compreender o mundo, o contexto e o processo evolutivo da sociedade. (DUMÉZIL, 1993)

A essência da religião está na oposição entre o que é sagrado e profano. Entretanto, as origens dos fenômenos religiosos causam divergências entre os estudiosos devido a transfiguração entre sagrado e profano existentes nos hábitos da sociedade. Hábitos estes, que são adquiridos na transformação de algo profano – não-sagrado – a algo sagrado ou de forma inversa. (ELIADE, 1993)

A umbanda, como uma religião brasileira, possui alguns de seus hábitos naturalizados na cultura do país. Você pode encontrar um punhado de pipoca e milho no cantinho de uma esquina, seus filhos podem receber doces no dia de Cosme e Damião, você pode jogar flores no mar para Iemanjá no Réveillon ou no dia 02 de fevereiro, pode cantar uma música e perceber que ela fala de Ogun e Iansã ou assistir ao desfile de escola de samba e notar que ele reverencia os orixás e os ensinamentos que os escravos africanos trouxeram com sua vinda para o Brasil, ou você pode, simplesmente, jogar um pouco do primeiro copo de cerveja no chão e dizer que “é pro santo”. A origem desses hábitos já não é mais questionada, hoje eles são considerados como traços característicos da umbanda, mas também como hábitos naturalizados da sociedade brasileira.

Em um país historicamente marcado pelo racismo e discriminação das culturas de matriz africana (LIMA; VALA, 2004; CAMINO et al, 2001), as organizações religiosas afro-brasileiras sofrem com o preconceito existente. Toda cultura transmitida aos indivíduos pertencentes a essas organizações é considerada como resistência devido a oposição à cultura hegemônica existente no Brasil – de referência eurocêntrica – desde a vinda dos povos africanos, com a criminalização tanto da religião quanto destes fiéis. Tem-se como justificativa para tal o papel exercido pelos negros no período escravocrata e que trouxe como resultado a criminalização da cultura sofrida até então por seus descendentes (LIMA; VALA, 2004; CAMINO et al, 2001).

Os grupos sociais agem de acordo com suas crenças, mitos e valores que compartilham entre si e isso os torna únicos dentro da sociedade. Essa singularidade pode ser identificada e interpretada com base na Teoria das Representações Sociais (TRS) de

Moscovici. As representações sociais proporcionam compreensão do mundo por um grupo social a partir de crenças, símbolos, linguagem e comunicação, e, a partir disso, pode transformar e ser transformada pela sociedade em que está inserida. Logo, a história da cultura, da religião e dos indivíduos possui influência na construção das representações sociais e, conseqüentemente, na construção da realidade social.

A teoria das representações sociais considera os conhecimentos populares como primordiais para a construção da realidade. O senso comum, como também é conhecido, orienta as ações individuais e sociais, formando parte das identidades dos grupos. Compreender a realidade social identificando o conhecimento popular e o senso comum como um tipo de conhecimento tão legítimo quanto o conhecimento científico, respeitando sua singularidade em cada grupo social, é algo que todo cientista social deveria valorizar.

As representações sociais são os significados criados pelos indivíduos a respeito de si próprios e sobre o mundo cultural em que estão inseridos. Nessa perspectiva, evita-se a visão restrita e reducionista do individualismo (visão unilateral sobre o sujeito, o eu) quanto do coletivismo (visão unilateral sobre os grupos sociais, o nós).

Estudar o senso comum proporciona estudar a cultura, a linguagem e o mundo familiar dos indivíduos. Para Moscovici (1990) a religião é uma maneira de criar vínculos e compartilhar crenças, ritos, mitos e visões de mundo. É a aproximação da relação entre o homem e a sociedade à qual pertence. O conceito de religião será compreendido neste trabalho no sentido sociológico, que é atrelado a cultura, seguindo estruturas e relações sociais intrínsecas e aos interesses existentes nesta última, que podem transcender o aspecto religioso e alcançar áreas da vida do indivíduo. Geertz (2008) conceitua a cultura como um conjunto de expressões carregadas de significados tecidos pelos homens, um universo imaginativo nas quais as ações dos indivíduos são familiares e determinadas, ou seja, uma estrutura de significados estabelecidos pela sociedade. Logo, estudar as religiões é falar da cultura em que ela está inserida.

A cultura que as representações sociais são criadas e reproduzidas são únicas e possuem uma relação interativa: as representações sociais influenciam a cultura e a cultura influencia as representações sociais. Para se pensar a cultura e o modo de compreensão que os sujeitos possuem sobre os fenômenos sociais existentes, o terreiro de umbanda analisado neste trabalho, será abordado a partir da teoria da delimitação de sistemas sociais de Guerreiro Ramos.

O enfoque deste autor visa uma maneira de propiciar aos indivíduos espaços nos quais eles consigam se auto realizar, contrapondo o domínio do mercado e de suas características, que são considerados como orientadores da vida humana na sociedade moderna. O mercado transforma o indivíduo em um ser que se comporta de acordo com as normas estipuladas, minimizando a gratificação obtida com ações autorrealizadoras. Logo, o indivíduo não reflete sobre seu comportamento, apenas reproduz aquilo que aprende e enfatiza os fins e as consequências de suas ações. As organizações, assim como os indivíduos, transformam a lógica do mercado em sua própria lógica.

É evidente, portanto, que pontos como amor, a confiança, a honestidade, a verdade e a auto-atualização não deveriam estar incluídos no campo de ação da organização econômica, e que tais organizações deveriam ser distintas de outros tipos de sistemas sociais, a que os pontos referidos efetivamente pertencem (GUERREIRO RAMOS, 1989 p.129).

A alternativa proposta é a regulação do mercado e de suas características, delimitando o mesmo a apenas um dos enclaves sociais. Com a regulação do mercado, ambientes propícios ao desenvolvimento do indivíduo passam a serem protegidos. Ao propor uma nova ciência das organizações baseada em uma sociedade multicêntrica, Guerreiro Ramos (1989) evidencia ambientes alternativos onde a subjetividade pode ser considerada. Esses ambientes são propícios a atualização pessoal, autorrealização e liberação de criatividade.

Considerando a substantividade que embasa as organizações alternativas, delimitadas por Guerreiro Ramos (1989), a característica a ser compreendida é caridade, que é desenvolvida por pessoas altruístas, priorizando o bem-estar. Etimologicamente, *caridade* deriva do latim *caritas*: afeto, amor. Sua origem é no vocabulário grego *chàris* (graça). O significado do vocábulo é entendido como um sentimento altruísta que aponta a bondade do ser humano que emprega esforços sem possuir interesses individualistas.

Para compreender a relação de caridade em um terreiro de umbanda será utilizada a Teoria da Dádiva de Marcel Mauss e seus seguidores. A dádiva, ou dom, é responsável pela criação de vínculos sociais, ela distancia-se de interesses individualistas, da lógica mercadológica e da lógica contratual com ausências de dívidas, pelo contrário, a dádiva necessita de dívida. É considerada uma ação espontânea e – se houver reciprocidade a partir desta ação – será considerada como um novo dom, uma nova dádiva que surgiu da espontaneidade do donatário, agora doador.

Partindo do pressuposto da dádiva, a ação é realizada sem almejar retorno, com caráter pessoal e não há relação de superioridade entre doador e donatário. A caridade em questão será aquela que gera o “desafio de generosidade”, a troca de sentimentos e

vínculos de amizade, no prazer e alegria no ato de dar e na preocupação com o outro, e na recusa de cálculo sobre um possível retorno de algo recebido com as mesmas proporções (CAILLÉ; GRAEBER, 2002 p. 18).

O contexto histórico-cultural dos terreiros de umbanda será apresentado, sucintamente, no próximo tópico no intuito de expor a história que esses grupos sociais e suas organizações passaram para, enfim, tornarem-se legítimos e aceitos pela sociedade como organização religiosa.

Contexto histórico-cultural da Umbanda

O questionamento “Quantos nomes tem a rainha do mar?¹” de Maria Bethânia, cantora e compositora brasileira, demonstra a diversidade que as religiões afro-brasileiras possuem. As nomenclaturas, simbologias e diferentes forma de cultos das religiões derivam de acordo com a localidade oriunda dos escravos africanos e conseqüentemente na localidade em que esses escravos foram alocados. O tambor de mina é característico do estado do Maranhão, o Batuque do estado do Rio Grande do Sul, o Candomblé do estado da Bahia e o Xangô do estado de Pernambuco. Tal designação não limita sua abrangência em outros estados, sendo que todas as nações religiosas podem ser encontradas no Brasil e até nos países fronteiriços. A umbanda, porém, não possui estado brasileiro característico, sendo conhecida e cultuada em todas as regiões geográficas. Pierucci (2004, p. 24) conceitua a umbanda como:

Afirmativamente afro e marcadamente popular, ela não se fechava etnicamente em sua negritude, mas se ofereceria brasileiromente a todos os brasileiros. Pensava suas raízes como plenamente brasileiras e não simplesmente africanas.

Para Prandi (2004, p. 23), a umbanda possui a miscigenação da cultura brasileira e transmite isso em sua essência:

Chamada de “a religião brasileira” por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e os símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço.

Para Pierucci (2004, p.18 – grifo do autor) a umbanda é “celebrada em prosa e verso, em música e letra, como “a” religião brasileira por excelência, primeira e única,

¹ O questionamento é feito por Maria Bethânia em sua música ‘Yemanjá Rainha do Mar’ lançada em 2007.

misturada, mas genuína [...]”. Sanchis (2009) e Prandi (2004) afirmam que as religiões afro reelaboraram-se no Brasil, criaram seu próprio universo simbólico e organizaram-se comunitariamente para criar uma proposta religiosa única, superando as barreiras antes impostas de nação (vertentes oriundas de regiões Africanas), classes sociais, regiões geográficas e etnia.

A unificação afirmada pelos autores pode ser justificada pelo projeto político-cultural nacionalista do presidente Getúlio Vargas, que pretendia consolidar a sociedade urbana como tipicamente brasileira, unificando os cidadãos multirraciais a uma cultura nacional em busca da sociedade próspera. Essa tentativa de unificar a crença e o povo brasileiro foi utilizada pelos negros como maneira de contornar a perseguição policial existente na época e possuir maior liberdade de ação na sociedade.

Mesmo com o projeto do Estado Novo, a religião afro-brasileira, como parte da cultura, foi reprimida pela religião predominante na época da escravidão, o cristianismo, e até hoje há luta pela legitimidade da primeira e pelo respeito que lhe é devido. Prandi (2004) afirma que as instituições religiosas de matriz africana são consideradas como resistência cultural, resistência à cultura escravocrata e resistência à dominação da cultura europeia (branca e cristã) que marginalizou, e ainda marginaliza, os negros e os mestiços, mesmo após o fim da escravidão no Brasil.

Além da unificação das religiões afro-brasileiras, o projeto político-cultural da era Vargas, no intuito de legitimar a religião perante a sociedade, aproximou-a da ciência e adaptou as práticas exercidas pelos fiéis. De acordo com Oliveira (2008), a ciência ofereceu explicações para os rituais da umbanda, aproximando-se do Kardecismo e aumentando a legitimação social, pois uma nova religião que não possuísse traços africanos em seus rituais e excluísse as práticas consideradas indesejáveis (sacrifícios de animais e uso de pólvora, por exemplo) é aceita com facilidade pela sociedade branca e cristã. Ortiz (1976) afirma que a umbanda é um processo de bricolagem dos valores kardecistas aos elementos afro-brasileiros como maneira de modernizar a sociedade e caracteriza o processo de legitimação da umbanda em uma nova religião como um processo de dominação no sentido weberiano, especificamente o modelo de dominação racional.

Os esforços para inclusão da umbanda na sociedade no intuito de torná-la legítima vem sendo realizado, atualmente, pelos sujeitos que a seguem. As conquistas são adquiridas lentamente, como a igualdade de direitos sobre isenção de impostos como ocorre com igrejas e templos. O processo de aceitação dos fiéis na sociedade – direito de

liberdade à religião e a cultos religiosos afirmado pela Constituição Federal Brasileira, entretanto, caminha a passos ainda lentos. Uma menina de 11 anos ser atingida por uma pedra ao sair de um culto afro-brasileiro, como ocorrido em 2015, é um exemplo do preconceito e da lentidão que os seguidores dessas religiões sofrem diariamente (OLIVEIRA, 2015).

O processo de legitimação e unificação proposto pelo projeto político-cultural da era Vargas foi estratégico para que os terreiros de umbanda adquirissem traços mercadológicos dentre suas práticas. Hoje, os adereços e utensílios simbólicos (velas, camisetas, miçangas, penachos, vestimentas, por exemplo) são comercializados por lojas especializadas, os *asés* são cobrados financeiramente e há naturalização do dinheiro.

É essencial buscar o equilíbrio entre religião (considerando a caridade como um dos valores fundamentais) e mercado, especificamente o mercado religioso. O objetivo da caridade nas organizações religiosas salienta o enquadramento dessas organizações nos conceitos de Guerreiro Ramos, onde o objetivo principal destoa dos objetivos mercadológicos, caracterizando-se como propício para o sistema do dom de Marcel Mauss. A dificuldade de visualização desses limites acarreta na poluição do sagrado, na mercantilização da religião e na desvirtualização da lógica organizacional, a caridade.

Baptista (2007) analisa a relação entre dinheiro e religião como uma forma interligada, sendo interesse e desinteresse, dons e mercadorias, relações híbridas que dificultam a distinção e visualização do limite entre eles.

Objetivos

Sendo a cultura responsável pela significação e transmissão dos conhecimentos herdados historicamente e incorporados de formas simbólicas (GEERTZ, 2008; MOSCOVICI, 2009), é necessário que as organizações alternativas estejam inseridas em um espaço próprio para sua atuação, evitando que a lógica do mercado adentre e se legitime nestes espaços, evitando a deturpação da cultura existente. Percebendo então, a importância que uma organização religiosa afro-brasileira possui para a sociedade e o conjunto de valores que são transmitidos por ela, é necessário que as ações realizadas dentro dessa organização não sejam típicas do mercado e sim, relacionados a espontaneidade, prazer e preocupação para com o outro: o dom. Desta forma, a reflexão realizada e que será a direcionadora deste trabalho é: **quais as representações sociais**

dos sujeitos frequentadores de um terreiro de umbanda sobre a caridade exercida nas ações religiosas?

Para responder o questionamento acima, foram estipulados os seguintes objetivos geral e específicos:

Objetivo geral: Compreender, através das representações sociais, a percepção dos indivíduos de um terreiro de umbanda sobre a caridade exercida nas funções religiosas.

Objetivos específicos:

- Identificar e descrever as representações sociais sobre caridade dos sujeitos de um terreiro de umbanda.
- Interpretar a percepção dos sujeitos frequentadores de um terreiro de umbanda sobre a presença do mercado na umbanda.
- Compreender a percepção sobre a caridade nas ações realizadas pelos indivíduos dentro do terreiro de umbanda.

Metodologia

As teorias que alicerçam este trabalho priorizam a subjetividade dos sujeitos sociais, a linguagem, a interação entre os sujeitos e a interação simbólica que ocorrem entre sujeito e objeto. Este trabalho, por amparar-se nas teorias supracitadas, penetra o contexto social (ambiente natural) no intuito de descrever e interpretar as representações sociais que os sujeitos possuem sobre fenômeno em estudo (GODOY, 1995; LAPIERRE, 2008).

Nesse diapasão, a pesquisa possui cunho descritivo-interpretativo das ações dos sujeitos sociais. A descrição dos dados coletados é uma das premissas da pesquisa qualitativa, é através da descrição dos detalhes que os sujeitos sociais possuem dos fenômenos que o pesquisador consegue interpretar e compreender o contexto social em estudo (MARCONI; LAKATOS, 2007; DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). Logo, a pesquisa descritiva-interpretativa visa compreender a experiência vivida de cada sujeito e o significado que estas experiências possuem para eles. Para isso, a abordagem da pesquisa será qualitativa.

Um dos pressupostos desta pesquisa é a inseparabilidade sujeito-objeto, que coincide com a premissa das representações sociais (JODELET, 2009; ARRUDA, 2005). A relação entre os sujeitos e objeto, a maneira como os sujeitos veem o mundo e participam da construção da realidade social são atreladas as representações sociais que

cada sujeito possui. Toda representação social é conectada a uma coletividade e consequentemente a um objeto e essa relação é contínua e não pode ser desassociada, a representação social transmite significado de algo a alguém. O papel da representação social permite que o indivíduo reinterprete o mundo em que está inserido e, através da comunicação dialógica com os demais indivíduos pertencentes ao seu grupo, compartilhe um significado comum para os membros dessa sociedade. (JODELET, 2009; ARRUDA, 2005).

A coleta de dados será realizada por duas técnicas: observação não participante e entrevistas semiestruturadas. A observação não participante não exige a participação efetiva do pesquisador no contexto ou situação social em estudo exigida na observação participante. O pesquisador possui contato com o grupo social, porém como espectador, não faz parte do grupo e não se torna membro dele (MARCONI; LAKATOS, 2007; VIANNA, 2003). A opção por observação não participante foi realizada pelo vínculo necessário para participar da organização, para tornar-nos membros. Como as crenças, hábitos e comportamentos precisam ser compartilhados, consideramos a observação não participante como melhor maneira de respeitar estes indivíduos e suas crenças.

As entrevistas, outra técnica de coleta de dados neste trabalho, surgem como reflexo da abordagem da subjetividade nas pesquisas em contrariedade ao formalismo técnico existente na academia (MATTOS; GODOI, 2006). O ato de dialogar, de permitir que os entrevistados se expressem livremente e forneçam sua opinião sobre o fenômeno em estudo é consentido com as entrevistas. Elas são primordiais para compreender a perspectiva dos sujeitos sociais em maior profundidade sobre suas condutas sociais, sobre dilemas internos e questões enfrentadas por eles e como instrumento facilitador para as experiências vivenciadas, respectivamente. “As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais” (POUPART, 2008 p. 216).

Permitir que os sujeitos possam expressar suas opiniões utilizando a linguagem é condizente com a forma de transmissão de informações e conhecimentos nas religiões afro-brasileiras: a oralidade. Conforme visto anteriormente, a ausência de legitimidade na sociedade por um período histórico e a transformação da religião (com traços da matriz africana, Kardecismo e cristianismo) dificultou a criação de um livro sagrado para os umbandistas. As informações são passadas para os membros através de lendas, histórias e conversas informais. Conversar com membros desses grupos, mesmo com fins de pesquisa científica, mantém a tradição que eles seguem, a transmissão de conhecimento

por meio oral. Segundo Mattos e Godoi (2006, p. 322) “o pesquisador realiza a entrevista conforme sua cultura, sensibilidade, conhecimento do tema e contexto espacial, temporal e social no qual está inserida a pesquisa”.

Arruda (2005) afirma que a escolha por entrevistas semiestruturadas para pesquisas que buscam as representações sociais são condizentes com a necessidade de criar uma conversa e espaços privilegiados para o surgimento das representações. A quantidade de sujeitos a serem entrevistados variam conforme o andamento da pesquisa. Para Mattos e Godoi (2006) a escolha e quantidade dos sujeitos entrevistados é relacionada a saturação, momento que as informações se tornam similares entre os pesquisados, e redundância, escolha entre os sujeitos que se encontram próximos as escolhas teóricas realizadas para a pesquisa, das informações colhidas.

O terreiro de umbanda em estudo

O terreiro de umbanda Mensageiro dos Ventos foi fundado em 2006 após a ruptura de relações entre as líderes religiosas da casa que permaneceram por 8 anos e está localizado no sul da ilha de Florianópolis – Santa Catarina.

Em abril de 2016, data que foi realizada a primeira aproximação para autorização da realização da pesquisa pelas líderes religiosas, o terreiro possuía cerca de 130 participantes, de variadas idades, e até esta data formou 8 pessoas aptas para iniciar uma nova geração de umbandistas/batuqueiros. O número de participantes é inexato e alterado semanalmente. No terreiro de umbanda a rotatividade de pessoas é grande, sendo possível pertencer ao grupo ou dele sair a qualquer momento.

Como todo terreiro, a relação entre os membros é familiar e a nomenclatura e hierarquias mantêm-se como tal: mães, pais, irmãos, tios, sobrinhos, primos, filhos e netos de santo, porém a autoridade cabe apenas aos oripés da casa, mantendo a igualdade entre os demais adeptos. Há a senioridade entre os membros, sendo utilizada somente na ausência do oripés.

As vestimentas utilizadas são padronizadas, camisetas com o logo do terreiro e vestes brancas. Os rituais religiosos ocorrem semanalmente aos sábados e são abertos a comunidade, podendo esta participar em alguns momentos durante este ritual. O terreiro possui rituais religiosos, ou aulas religiosas, específicos para cada área da vida que os fiéis necessitam de conforto. Às quintas-feiras há atendimento para saúde com os pretos-velhos, sendo praticado por quatro filhos que realizam o atendimento e os atendidos

variam de acordo com a necessidade dos membros do Ilê. Às sextas-feiras são realizados atendimentos com os ciganos para membros que necessitam de harmonia psicológica.

Além dos rituais religiosos, o terreiro possui reuniões para o planejamento das festividades, mutirões para organização da estrutura e confraternizações para a interação dos membros. As reuniões realizadas para planejar as grandes festividades da casa são abertas a todos os membros, porém a presença é facultativa. A pauta é indicada pelos oripés e todos os membros presentes tem oportunidade de exprimir sua opinião e serem ouvidos pelos irmãos-de-fé. Além das decisões sobre as festividades, são expostos os afazeres quanto a melhoria de estrutura para o recebimento dos convidados e então distribuídos entre os membros do terreiro.

As confraternizações são variadas, ocorrendo após as festividades religiosas ou em dias específicos. Estas confraternizações abrangem desde aniversários e chás de bebês até churrascos e festas de fim de ano. A alimentação oferecida nestas datas é simples, angariada entre os participantes, ou seja, cada membro ou participante das confraternizações fica responsável por levar determinado alimento.

Considerações finais

Uma religião em verso e prosa, rituais que resistem para manter a tradição, as músicas e os valores. Eles são o povo brasileiro. Pensar na importância social de descrever e documentar as ações de um terreiro de umbanda localizado em um bairro de periferia de Florianópolis é pensar na descrição da sociedade, abranger os indivíduos que não possuem valores e atitudes considerados padrões e afirmar que eles fazem parte da realidade. Se Durkheim e Freud alegam que a religião conecta o indivíduo à sociedade (MOSCOVICI, 1990), a reflexão e a descrição dela parecem primordiais.

Uma das principais preocupações de Guerreiro Ramos é o enfoque nas organizações formais como referência para os estudos das organizações, em detrimento dos diversos tipos presentes no espaço macrossocial (PAES DE PAULA, 2008). Como ocorre nos principais bancos de dados de artigos e periódicos, onde se propaga o conhecimento científico. Estes possuem poucas referências sobre estudos em organizações religiosas. Neste aspecto, o presente trabalho contribui para aumentar e incentivar os conhecimentos da área de estudos organizacionais sobre organizações religiosas e especificamente sobre organizações religiosas afro-brasileira que não estão acopladas nos trabalhos encontrados.

Para as religiões afro-brasileiras é de extrema importância que a invisibilidade em relação às mesmas seja rompida, já que o desconhecimento é um dos principais causadores de desrespeito e discriminação. Desta forma, a contribuição desta produção científica a sociedade e, principalmente ao grupo social, ocorrerá ao perceberem que os terreiros de umbanda e os fiéis são vistos e suas ações são percebidas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, Brígido V.; JESUÍNO, Jorge C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. 2 ed. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005. p. 229-258.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. **Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé**. Mana, v. 13, n. 1, p. 7-40, 2007.

CAILLÉ, Alain; GRAEBER, David. Introdução. In: MARTINS Paulo Henrique, (Org). **A dívida entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, p. 17-32, 2002.

CAMINO, Leôncio et al. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista de Psicologia Política**, v. 1, n. 1, p. 13-36, 2001.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. (Orgs). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 127-153

DUMÉZIL, Georges. Prefácio. In: ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes Ed. p. IX-XV. 1993

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes Ed. p. 1-38, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1º ed. 13º reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODOI, Christiane K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, p. 301-323, 2006.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set. 2009.

LAPERRIÈRE, Anne. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos.

POUPART, Jean et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes. 2009.

OLIVEIRA, Felipe de. Após sair de culto de candomblé, menina de 11 anos leva pedrada no Rio. **Folha de São Paulo**. 16 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1642819-apos-sair-de-culto-de-candomble-menina-de-11-anos-leva-pedrada-no-rio.shtml>> Acesso em 30 jun 2016.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Editora do Conhecimento, 2008.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. **Cadernos** (Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos), v. 9, 1976.

PAES DE PAULA, Ana Paula. **Teoria crítica nas organizações**. São Paulo: Thomson learning, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. " Bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. (Orgs). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215-253.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2009.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.